A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno. . . . . 10$000 — Semestre. . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1 o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

— Toda a correspondencia a Edgard Leuenroth —
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. Paulo (Brasil)
Redacção e Administração: Largo do Palacio, 5-b

ANNO I — NUM. 16
—= 7 de OUTUBRO de 1917 =—
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de
—: 300 réis por centimetro de columna :—

DURAS PALAVRAS

Declarações de Ravachol

«Se tomo a palavra não é para defender-me dos actos de que me accusam; a unica responsavel é a sociedade pondo, com a sua organização, os homens em continua luta uns com os outros.

Realmente vemos, em todas as classes e em todas as profissões, gente que deseja, não direi a morte porque este vocabulo feriria alguns castos ouvidos, mas a desgraça dos seus semelhantes, se disso lhe vier vantagens.

Ahi vão uns exemplos, entre milhares que eu poderia citar: um industrial que faz votos para que todos os seus concorrentes desappareçam; o commerciante, ambicionando ser o unico a gozar dos beneficios que lhe dá esse genero de occupação; e até o operario sem trabalho desejando que o seu companheiro, igualmente explorado como elle, seja despedido da officina para lhe tomar o lugar.

Ora, n'uma sociedade em que semelhantes acções se repetem, não deve ser uma surpresa para ninguem os actos do genero d'aquelles que eu pratiquei, que não são, em resumo, mais que a consequencia logica da luta pela existencia entre homens que, para viverem, são forçados a empregar toda a especie de meios.

Visto que cada um só trata de si, aquelle que tiver fome é forçado a pensar assim:

Com esta organização da Sociedade, não devo hesitar quando tenha fome, a empregar os meios á minha disposição, ainda que tenha de fazer victimas! Quando os patrões despedem os operarios, importam-se se elles morrerão de fome? Os que tem mais que o estrictamente necessario importam-se porventura se ha gente a quem falta o pão?

Concedo que ha quem dê esmolas, mas estas são impotentes para melhorar a sorte dos miseraveis, que morrerão prematuramente de todas as especies de privações, ou voluntariamente por suicidios de toda a natureza para porem fim a uma existencia miseravel e não terem que supportar os rigores da fome, as vergonhas e humilhações sem numero, e isto sem esperança de nunca se acabar.

E' assim que succede a varias mulheres matarem os filhos para os não verem soffrer mais e algumas não hesitam mesmo, com o receio de não poderem no futuro prover á subsistencia do producto das suas entranhas, em comprometter a saude e a vida destruindo no seu seio o fructo dos seus amores.

E esses factos passam-se no meio da maior abundancia dos elementos necessarios á vida.

Comprehende-se que assim acontecesse n'uma região onde os productos fossem raros, onde houvesse fome.

Mas em França onde reina a abundancia, os açougues estão cheios de carne e as padarias repletas de pão, onde as roupas e o calçado são postos aos montões nos armazens, onde ha casas deshabitadas!

Como se póde admittir que a sociedade está bem organizada; quando factos d'esta natureza attestam exactamente o contrario?

Ha quem lastime estas victimas e o que dizem é: que nada pódem remediar, que cada um se arrange conforme puder.

E então que hão de fazer aquelles a quem, apesar de matarem o corpo com trabalho, lhes falta o necessario, ou se o trabalho lhes escassea?

A unica perspectiva é morrer de fome e os que comem, lançarão algumas palavras de compaixão sobre o seu cadaver.

Ora, eu não quiz proceder assim.

Preferi fazer-me contrabandista, moedeiro falso, ladrão e assassino. Poderia mendigar, mas isso para mim era degradante e covarde e mesmo punido pelas vossas leis que consideram a miseria um crime. Se os necessitados em vez de esperarem se apossassem do que precisam onde o ha, por qualquer meio, os satisfeitos em breve se convenceriam que é perigoso querer consagrar o estado actual da sociedade, em que reina o desassocego e a vida é ameaçada a todos os instantes.

E' por isso que se chegará, sem duvida, a comprehender mais facilmente que os anarchistas têm razão quando dizem que para alcançar a tranquillidade moral e physica, devem destruir-se as causas que criam os crimes e os criminosos. Não é matando aquelles que, dotados d'um caracter energico preferem apoderar-se violentamente do preciso para viver, a uma morte lenta consequencia das continuas privações que soffrem e continuarão soffrendo. O castigo que lhes dão, supprimindo-o é para elles um allivio.

Eis porque commetti os actos de que me censuram, os quaes são, nem mais nem menos do que o resultado logico do estado barbaro de uma sociedade cuja unica acção e conhecimento consiste em saber augmentar o numero de victimas da Lei. Esta toca apenas nos effeitos sem nunca remontar ás causas, nem procurar supprimil-as. Diz-se que é preciso ser muito cruel para ter a coragem de matar o seu semelhante; mas não veem os que assim pensam que aquelles que procedem assim só o fazem para evitar a morte de si mesmos.

Assim vós, senhores jurados, ides sem duvida condemnar-me á morte porque acrediaes ser uma necessidade o meu desapparecimento. Vós que tendes horror de ver correr sangue humano não hesitareis mais do que eu em fazêl-o correr, logo que julgar a minha morte util para a segurança das vossas preciosas existencias. Apenas ha esta differença: vós fazei-o sem perigo algum, eu fazia-o arriscando a minha liberdade, a minha vida.

Meus senhores: não ha criminosos a julgar, mas simplesmente causas de crime a destruir, ficae-o sabendo. Os legisladores, fazendo os codigos não viram que não atacavam as causas do mal, mas unicamente os effeitos e que desta maneira não evitariam o crime; mantendo-se as causas, sempre os effeitos se lhe seguirão.

Haverá sempre criminosos apesar de os matardes um a um. Pouco a pouco logo nascerão outros. Que fazer então? Destruir a miseria, esse genero de crime, assegurando a todos a satisfação das suas necessidades. Oh! quanto isto seria facil de fazer! Bastaria estabelecer a sociedade sobre bases novas, onde tudo fosse commum, e onde cada um produzindo segundo as suas aptidões e as suas forças pudesse consumir conforme as suas necessidades.

Então não se veria mais gente como o eremita (1) de *Notre Dame de Grace* e outros a mendigar um metal de que elles se tornam escravos e victimas.

Então não se veriam mais mulheres vender amor como uma mercadoria vulgar, por esse mesmo metal que nos impede, na maioria dos casos, de reconhecermos se uma affeição é verdadeiramente sincera ou não.

Então não teriamos mais occasião de ver homens como Pranzini, Prado, Berland, Amorroy e outros que, sempre, para obter esse metal se convertem em assassinos. Demonstra isto claramente que a causa de todos os crimes é sempre a mesma e que é preciso ser muito insensato para a não ver.

Sim, repito, é a sociedade que faz os criminosos e vós, senhores jurados, em logar de castigal-os, deverieis antes gastar a vossa intelligencia e as vossas forças em transformar a sociedade. D'um golpe supprimirieis todos os crimes, e a vossa obra atacando as causas, seria melhor e mais grandiosa do que a vossa *justiça* que se entretem a punir os effeitos.

Não sou mais do que um operario sem instrucção; mas por ter vivido a existencia dos miseraveis sinto melhor que um rico burguez a iniquidade das vossas leis repressivas.

Pois donde vos vem o direito de dispordes de um homem, quer matando-o quer encarcerando-o, porque esse homem, encontrando-se no mundo, se viu forçado a apoderar-se do que lhe é indispensavel para matar a fome?

Trabalhei para viver e para manter os meus e no entanto, nem eu nem os meus, deixavamos de soffrer mais do que é possivel soffrer-se; fui, emfim, um dos que vós classificaes de *homem honrado*.

Depois faltou-me o trabalho e com elle veiu a fome. Foi então que esta grande lei da natureza, essa voz imperiosa que não admitte réplica — o instincto da conservação — me levou a commetter os crimes e delictos de que me accusam e dos quaes me confesso ser autor.

Julgae-me, senhores jurados, mas se me comprehendesteis, julgando-me, julgaes todos os desgraçados a quem a miseria junta com um pouco de dignidade natural, fez criminosos e dos quaes a riqueza ou um pouco de bem estar, teria feito pessoas *honestas*. Uma sociedade de intelligente faria delles, homens como os outros.»

Termina aqui a defesa de Ravachol. Porém falta o texto d'uma declaração manuscripta que elle entregou a Mr. Legasse, seu defensor officioso, para que este a lesse no final das suas declarações. O presidente prohibiu a leitura d'essa peça; nós damol-a em seguida:

«Desejo que os jurados, que me condemnaram á morte, lançando no desespero aquelles que souberam dedicar-me uma certa affeição, possam permanecer tão limpos de coração e tão firmes em sua consciencia ao recordarem-se da sua sentença, como eu de coragem collocarei minha cabeça debaixo do cutello da guilhotina.»

Assignado:

Koeningstein Ravachol.

E na realidade não desmentiu a sua coragem; foi para a guilhotina cantando a estrophe revolucionaria. O seu ultimo grito foi:

— Viva a Rev...

Era de madrugada; o dia alvejava apenas!

(1) Uma das *victimas* de Ravachol. (N. do Trad.)

Aos amigos e assignantes da capital

Um nosso companheiro já começou a proceder á cobrança das assignaturas da A PLEBE. Contamos com o auxilio de todos os bons amigos, especialmente neste momento que os Trepoffs Paulistas pretendem suffocar os justos anceios de liberdade que começam a surgir no seio do povo trabalhador.

Para lhe poupar trabalho, seria bom que os nossos assignantes dêssem ordem a suas familias para satisfazerem as respectivas importancias, quando procurados para esse fim.

* *
*

Todas as quantias relativas á A PLEBE ou a sua subscripção, devem ser endereçadas ao companheiro deste jornal, Francisco Azevedo Lomonaco, caixa 195.

A obstinação christã em representar o mundo feio e mau, tornou effectivamente mau e feio o mundo.

FREDERICO NIETZSCHE.

GUANABARINAS

RIO, 3 de outubro. — *Chegam-me aos ouvidos a noticia de que o governo paulista, temendo qualquer possivel interferencia do sr. Ruy Barbosa a favor dos operarios presos e ameaçados de expulsão, fez ver ao senador bahiano que os referidos operarios não são taes operarios, mas anarchistas perigosos a soldo da Allemanha, interessada em provocar desordem entre nós. Isso, de resto, já a imprensa o tem affirmado, mais d'uma vez, em boa e nitida letra de forma. Ainda o outro dia, era o cidadão portuguez João de Souza Lage, fogoso jornalista luso-brasileiro, quem o affirmava solemnemente, em artigo assignado e posto na primeira columna do Paiz. Lage, accusando os germanos de lhe terem deitado fogo ao penal, apontava como prova disso o incendio de Salonica e as greves de São Paulo, fomentadas por agentes allemães vindos expressamente de Buenos Aires. Era uma prova sesquipedal, de escachar a metade do mundo e deixar a outra metade em duvida... mas ninguem provou o contrario e a cousa passou em julgado. Aliás, todas as greves que se declaram agora, em paizes alliados ou neutraes, são todas, para os jornalistas alliadophilos, manejadas por diabolica espionagem allemã... Assim, igualmente, as commoções intestinas na Russia não podem deixar de ser inspiradas pelo marco allemão. Lenine, [illegible] homem de absoluta integridade moral, é accusado [illegible] como agente directo [illegible] sidas de Hefferich [illegible], em 1870, foi tambem apontado como agente da Prussia: accusação que a historia fez reverter irrevogavelmente ao dossier de infamias que acompanha as figuras daquelles que o accusavam... Daqui por algumas dezenas de annos, essa mesma historia, inexoravel, ha de contar aos nossos netos este caso actual do marco allemão movendo anarchistas, — e ha de ser uma curiosa constatação a dos nossos netos, ao verificarem que o caso do marco allemão movendo anarchistas se transformou num caso de libras esterlinas movendo esses pulchros gazeteiros defensores desta boa ordem social...* — ASTPER.

Farpas de fogo

O medo da «hydra»

Os molossos da Inquisição, desejosos de abater a terrivel «hydra» que pretende tragar vivo o sr. Altino Arantes, acharam ainda insufficientes os recursos de que dispõem, como: bacamartes, canhões, automoveis blindados, tanks, etc.

Faltava-lhes coisa melhor, coisa que fizesse calafrios na espinha dorsal do mais pintado ferrabraz.

Então uma idéa «geniosa» lhes illuminou o cerebro. Em Guapira, atirados para um canto, havia alguns aeroplanos que, concertados devidamente, bem poderiam ser empregados na caça á temida «inimiga» do sr. presidente do Estado.

De facto, no domingo preterito chegaram os referidos apparelhos a esta cidade, indo buscal-os á estação do Canindé dois caminhões da Força Publica, para cujo quartel foram removidos!

D'oravante a «hydra» já sabe: quando quizer erguer as suas sete formidaveis cabeças deve olhar attentamente para o ar. A cachorrada legal já se não contenta simplesmente com alçar-se, de aeroplano, até ás regiões da lua. Quer ir mais longe. Por isso se prepara de todas as maneiras para afogar em sangue as justas reclamações do povo faminto!

Mas, não seria melhor implantar entre nós o regimen da guilhotina? Além de mais commodo, seria tambem menos immoral...

Contraste edificante

Quando o Brasil rompeu diplomaticamente as relações com a Allemanha, o patrioteirismo indigena, ardendo em zelos guerreiros, fartou-se de apedrejar e destruir, durante tres dias, as casas pertencentes aos mais graduados subditos do bandido coroado allemão.

Todo isso se deu nas bochechas das autoridades, sem que todavia nenhuma prisão fosse effectuada, antes sendo publicamente louvados os autores de taes «façanhas» — na sua maioria estudantes das escolas superiores desta capital.

E não foi só. O governo, em face dos pedidos de indemnisação feitos pelos «boches», teve de pagar e não bufar a totalidade de todos esses prejuizos!

A complacencia revelada então para com os dyscolos patrioteiros não se tem, no emtanto, verificado em relação aos operarios que só se preoccupam com os seus interesses de classe. Emquanto para aquelles só houve mesuras e salamaleques, para estes só existem rigores e prepotencias. Uns são deportados summariamente para logares ignorados. Outro é accusado de autor «psychico e intellectual» dum assalto... feito pela multidão esfaimada. Outros ainda são torpemente maculados com o labéo de caftens e vadios!

E' por causa deste e quejandos contrastes que os divorciados da actual sociedade augmentam de dia para dia...

Uma vingança do Senhor

Informam de Casa Branca que no domingo, quando uma procissão percorria as ruas da cidade, uma violentissima tempestade se desencadeou, provocando grande panico entre os fieis, que debandaram precipitadamente em todas as direcções, sendo arripiante a grita das mulheres e das creanças que em elevado numero se encorporavam á benta palhaçada.

Analysando succintamente o caso, não descortinamos nenhuma razão ponderavel a justificar um pavor de tal ordem.

Deus, «mandando» aquella tempestade destroçar a grotesca exhibição de macacos de pau, postos em cima de andores conduzidos por alguns bipedes borricaes, teve o intuito clarividente de infligir um castigo justo aos torpes reaccionarios casabranquenses.

Nestes termos, competia-lhes soffrer resignadamente as cóleras divinas, imitando o sacrificio estoico do martyr do Calvario... Eximindo-se a ellas, commetteram um duplo peccado: demonstraram que o Senhor não é tão bondoso e clemente como o pintam os seus adeptos, e ao mesmo tempo deram razão aos iconoclastas para lhe applicarem mais rijamente o camartello demolidor.

A culpa da existencia do atheismo é, pois, dos proprios reaccionarios. E, reincidindo nella, só fazem jus aos nossos mais [illegible]

Politiquices bellicosas

Duas facções politicas de Piauhy, desavindo-se por meras questões de «lana caprina», [illegible] uma contra a outra, travando nutrido tiroteio.

Os jornaes que noticiaram essa occorrencia, limitaram-se unicamente a lamental-a com as palavras mais dolorosas, pedindo aos desatinados politiqueiros que se congraçassem e fizessem as pazes...

Como se vê, para esses profissionaes da desordem e da depradação a lei anda de olhos vendados como os «gavroches» no jogo da cabra-cega. Tratasse-se, entretanto, de operarios rebellados contra a exploração legal do capitalismo — e o menos que lhes poderia succeder era, de duas, uma coisa: ou serem fuzilados á queima-roupa ou deportados como «elementos dissolventes e perniciosos»...

A duplicidade é, por isso, manifesta, dando margem á critica imparcial dos espiritos livres, que dia a dia constatam o privilegio dos grandes em poderem escarnecer a seu talante das leis e dos codigos em beneficio de inconfessaveis interesses, mas appellando para as mesmas leis e para os mesmos codigos quando o mal lhes passa pela porta...

E ainda têm a audacia de nos abocanhar, os bandidos!

ANDRADE CADETE.

Está provado que os proletarios só aliviarão as suas dores quando sacudirem o peso que sobre os seus hombros deixam cahir as leis.

RAOUL KOC.

Em favor dos operarios presos e de suas familias

Na redacção provisoria d'*A Plebe*, ao largo do Riachuelo, 26-B, está aberta uma subscripção em favor dos operarios presos e de suas familias, que se acham privadas de todos os recursos.

Os companheiros que desejarem concorrer, na medida de suas forças, para esse fim tão humanitario, poderão procurar os camaradas deste jornal, no endereço acima, das 8 ás 16 horas.

Quantias já subscriptas:

A PLEBE	5$000
A. C.	500
Emma Ballerini	10$000
Liga Operaria do Braz (1.ª e 2.ª secções)	300$000
Canteiros de Cotia	54$000
Um trabalhador	5$000
Antonio Abranches	5$000
Uma companheira	7$000
Isabel Cerruti	2$000
União dos Pedreiros e Serventes	50$000
Syndicato dos Canteiros de Rib. Pires	50$000
Joaquim G. de Carvalho	20$000
Vidal Coimbra	20$000
Pinho	5$000
A. Capasso	1$000
De Christina:	
Fernando Zanella	5$000
Florencio Giesto	5$000
	593$500

A fórmula autoritaria

Sahido apenas das cavernas primitivas, mal despido ainda da pura animalidade ancestral, o homem tornou-se no algóz do proprio homem — phenomeno estranho que interrompeu, deturpou, as livres manifestações da evolução biologica.

A vida humana fez-se um acérvo de angustias e de torturas, e a terra mudou-se como que num immenso manicomio onde milhões de homens sem razão se debatem em furia, e, como féras, mutuamente se rasgam as entranhas.

Triumpho dos mais bem adaptados e, em tal caso, phenomeno inherente á propria fragorosa «luta pela vida»?

Não. Triumpho da astucia, da maldade, da hypocrisia e do crime: pavorosa inversão das mais puras e nobres modalidades da Vida.

O *Struggle-for-life*, interpretado por um falso scientismo pretensamente abordoado em Darwin, é um erro.

A luta vital, em principio, é a constante apreciação das forças da Natureza pelos homens para determinação duma logica e racional evolução especifica, e não a victoria fatal e absurda dos fortes contra os fracos que o são mercê, precisamente, das interrupções ou soffreu.

A luta das especies não é, de fórma alguma, a guerra de irmão contra irmão. Não se devora o lobo ao proprio lobo.

A antropophagia? Bem sei. Mas isso significa, tão só, a primitiva animalidade extreme do homem, e seria ilogico que as fórmas estructuraes da sociedade não evoluissem á medida que a especie, sob todos os aspectos, vae evoluindo. Justificar a luta moderna do forte contra o fraco — do capital contra o salario, da autoridade contra o governado — com a antropophagia, o mesmo seria que justificar as caricatas phantasmogorias da lithurgia catholica com as antigas crenças geocentrica e antropocentrica, ou com a desfeita lenda da Criação segundo a Biblia.

Certo é que essa terrificante luta do forte contra o fraco — triumpho da astucia, da maldade, da hypocrisia e do crime — se fez a lei intrinseca, essencial da vida. A fórmula autoritaria foi criada. E a breve trecho o Estado a concretisava numa monstruosa abstracção.

O atavismo, depois, fez o resto. O cerebro humano foi-se amoldando insensivelmente, inconscientemente, ás novas e desordenadas fórmas vitaes introduzidas pelo Estado, e a grande, a suprema superstição, a maior de todos os tempos, tomou corpo nos espiritos — a superstição politica.

Ainda hoje, que a critica do Estado se acha victoriosamente feita e a sua nocividade incontroversamente demonstrada, o apêgo á fórmula autoritaria se manifesta por banda das multidões como por parte de quasi todos os crédos philosophico sociaes.

Cahiram os velhos deuses do polytheismo ante o camartello da razão e de livre-exame; a antiga omnipotencia do padre é cousa morta já; a lenda da Criação desfez-se como no ar uma bola de sabão; as convenções sociaes, as leis, os costumes, as idéas e os sentimentos, a cada hora estão passando pelo cadinho da critica mais percuciente: — a fé na ligitimidade e na omnipotencia dos governos, o respeito por uma anachronica fórmula autoritaria, essa é que se não extinguiu ainda, porém antes, dia a dia, recebe a adhesão de novos, inconsiderados espiritos. E o que mais fortemente nos espanta é que as proprias escolas que inscreveram em seus programmas a abolição do Estado e se dizem plenamente libertadas da superstição politica, se revelem por igual aferradas, no seu modo d'acção pratica, a essa antiquada fórmula oppressiva.

«Só será legitimo o Estado para eliminar o proprio Estado. E' o caso do socialismo» — Proclama-se.

Não, não. O Estado não é nunca legitimo. O Estado não cura nunca de eliminar o proprio Estado. Não se devora o monstro a si proprio. O pricipio homeopathico — *Similia Similar Curantur* — só tem, em therapeutica social, uma util applicação: a referente á violencia das classes preponderantes; a violencia cura-se com a propria violencia. No resto, não.

Se é certo que o Estado representa a fórmula oppressiva das minorias sobre as maiorias, parece, na verdade, á primeira vista que, conquistado esse reducto por essas maiorias, estas o teriam implicitamente destruido. Em tal caso o Estado deixaria de ser o Estado: pereceria, diluir-se-ia no ambiente collectivo.

Não ha nisso, porém, mais do que uma espalhafatosa logomachia.

Estado quer dizer *minoria organisada*. A sua quietude, a sua inércia perante os movimentos progressivos e fecundantes da vida, é a sua propria razão de ser. *Estado* e *oppressão* synonimizam-se. Ou o Estado subsiste consoante é — concretisação da fórmula autoritaria imposta por uma minoria sobre uma maioria — ou o Estado deixa de ser o Estado. Estado conquistado [illegible] tado que se destróe a si proprio é utopia de ingenuos. Estado que determina a eclosão duma modalidade social nova em que a morte dêlle mesmo é ponto fundamental, casual é um deploravel erro de visão que nada justifica.

O erro do «socialismo parlamentar», no lance, é verdadeiramente palmar.

O Estado soffre, como todos os outros organismos sociaes, a influencia permanente da evolução. Evolução que nelle é regressiva.

A evolução regressiva manifesta-se num organismo ou instituição social por uma differenciação limitadora dos seus poderes ou attribuições. A fórmula autoritaria evolue, pois, regressivamente desde que nella começou de se revelar uma differenciação nos seus varios modos-de-ser. A passagem do absolutismo para o constitucionalismo, o presidencialismo, o suffragio universal, a quéda do principio do poder hereditario dos reis, etc., são já as modificações regressivas dos primitivos poderes do Estado.

Mas taes modificações differenciadoras não trazem comsigo decisivos melhoramentos á estructura social, cujo erro de origem consiste no principio iniquo da propriedade privada que através dellas sempre subsiste. Nem taes modificações deixam suppor, tão pouco, que a fórmula autoritaria traga a morte dentro della propria. Não é o Estado eliminando o proprio Estado. E o Estado cedendo terreno ante a acção directa e revolucionaria das multidões.

Certo que o advento do 4.° Estado, já agora inevitavel, será bem o termo da evolução regressiva que se opera ha seculos quanto á concretisação abstracta da chamada fórmula autoritaria. Mas menos verdade não é que a abolição total do Estado só se terá effectuado quando as multidões, desilludidas, pela pratica, das theorias do socialismo parlamentar, tiverem imposto pela violencia a anarchia pura, franca e decisiva.

E se as massas trabalhadoras a quem o problema interessa particularmente, tivessem já, por uma perfeita educação philosophica, consciencia plena da sua missão, o termo da evolução regressiva do Estado seria já a Republica burgueza dentro della tendo de se effectuar o largo movimento revolucionario que nos levará á perfeita e authentica Liberdade.

O socialismo parlamentar, que significa, tão só, um élo a mais, o ultimo porventura, da cadeia evolutiva-regressiva do Estado deve, portanto, a sua existencia como theoria e como modo de

acção revolucionaria, ao mesmo phenomeno a que os varios principios politicos devem a sua formação: — á incompleta educação philosophica e social das classes trabalhadoras e opprimidas.

Abaixo o Estado! E' essa a revolução em que tomarei parte! — gritou um dia esse revolucionario espirito symbolista que criou os *Espectros* e o *Inimigo do Povo*.

Abaixo o Estado! — gritamos nós tambem, porque o Estado é a inércia das formas criadas quando o movimento é a lei fundamental da Vida; porque o Estado é o crime, a oppressão, a tyrannia, o absurdo, a iniquidade!

Em nome da verdade, em nome da justiça, em nome da igualdade: que o Estado caia! E para que o Estado caia, passando de alto por sobre todos os principios transitorios, contingentes, temporaes que apenas determinam modificações, embora de caracter evolutivo-regressivo, nos seus varios modos-de-ser, nas suas attribuições, olhemos ao longe, muito ao longe, para o alto, muito para o alto, na noute profunda dos tempos do Futuro onde a Liberdade plena e authentica refulge em todo o seu esplendor.

ANGELO JORGE.

O homem é dominado, mandado, governado, explorado e envillecido pelos seus semelhantes, coisa que se não da com nenhum outro animal; logo o homem é o animal mais animal da criação.

SAN LUIZ GONZAGA.

Gigante acordado!

Quando se realisou o acto do lançamento da pedra fundamental da Villa Militar da Força Publica, o sr. secretario da Injustiça, para maior solemnidade do acto, deitou discurso.

Dessa monumental peça oratoria, que assombrou meio mundo e deixou outro meio... de bocca aberta, extrahimos os seguintes periodos:

«O gigante de pedra que dorme, que o grande poeta dos tamoyos viu [illegible] o retrato do nosso Brasil.

Grande e valoroso, mas somnolento e descuidado!

Felizmente, diante do ruido intenso que vae pelo mundo, diante dos successos que nestes annos abalaram a vida das nações, elle abriu os olhos e espantado viu quanto se descuidou de sua defesa. Despertou e agiu.

Bem haja Deus que operou esse milagre!»

Diabo! gigante que dorme... somnolento e descuidado... abriu os olhos... despertos e agiu... Ah! bem comprehendemos!

Trata-se do Povo, desse Povo expoliado de tudo o que é essencial á vida, desse Povo manietado pelas algemas da oppressão, desse Povo *besta de carga* dos capitalistas e dos governantes! Abençoado elle seja por ter despertado, emfim, da apathia que o enervava. Abençoado elle seja por ter agido, finalmente, no sentido de conquistar maior somma de liberdade e um pouco mais de bem estar!

D'ora avante não deve o Povo descuidar da sua defesa. O sr. Eloy Chaves sentir-se-ha com isso muitissimo satisfeito... ainda mesmo que a «pedra que dorme» lhe caia em cima da cabeça...

Todavia não attribua o Povo a *milagre do Senhor* o ter despertado para a vida num momento de feliz bom humor do sr. secretario da Injustiça. O *milagre* deve-se unicamente a estes dois factores das rebelliões populares: a fome e a miseria. Foram elles que agitaram o Povo nos ultimos tempos, dispondo-o a reinvidicar direitos postergados. Foram elles que o sacudiram nos ultimos dias, convencendo-o de que trabalha e soffre só para enriquecer os seus proprios algozes.

Milagre de Deus! Fôra isso exacto, existisse realmente esse ser imaginario que provoca a adoração dos ignorantes e dos hypocritas — e o primeiro a ser fulminado pela sua colera seria o proprio sr. Eloy! S. s. que manda prender a êsmo indefesos operarios, cujo crime é terem «despertado e agido» para melhorar sua situação; s. s. que arrebata chefes de familia aos carinhos dos entes que lhes são caros, só porque protestam e reclamam contra a sordidez de quem os explora; s. s. que expulsa do paiz honestos trabalhadores, por andarem a cuidar da sua defesa em face da rapacidade dos senhores do ouro — s. s., diziamos, se houvesse Deus, seria o primeiro a soffrer o justo castigo dos seus tenebrosos crimes.

Isso, porém, não impedirá que elles sejam devidamente punidos. E' só dar tempo que o *gigante* se erga mais um pouco... porque, afinal, mais vale tarde do que nunca!

E' fartar, villanagem!

Neste paiz, regido por uma constituição republicana e democratica, já não é permittido a um homem professar ideias que possam dalgum modo collidir com os interesses da canalhocracia parasitaria.

Crime terrivel! Attentado nefando! Monstruosidade sem nome! — eis os qualificativos que cahem pesadamente sobre os apostolisadores de taes ideias, para quem se pede um castigo cannibalesco, um correctivo adequado aos instinctos perversos dessa cáfila de verdugos ascorosos.

Assim, pois, é uma coisa abominavel para elles que o operariado tenha coragem de extravasar em publico toda a sua revolta e indignação contra a rapacidade, a ganancia e a ambição dos Crésus do ouro, que se banqueteiam pantagruelicamente em opiparos banquetes, habitam magestosos palacios, vestem e calçam do bom e do melhor — em contraste com os trabalhadores, que têm uma alimentação insufficiente, se matam com trabalho de sol a sol, ganham uma miseria, habitam lugubres tugurios, emfim andam rotos e descalços!

E' uma coisa abominavel um facto desta ordem, porque a burguezia sente bem que os tempos já são outros e que o operariado se vae educando racionalmente ancioso por emancipar-se de tutelas seculares, preoccupando-se a valer com o complexo problema economico-social.

Afinal, a logica não é nenhuma batata. Por isso é que o despertar obreiro deve causar-lhe algum pavor, inspirar-lhe certos receios facilmente justificaveis, pôl-a de sobreaviso para fazer perdurar a sua supremacia sobre a classe desherdada.

Decidida a tudo, a burguezia queima então os ultimos cartuchos. Como? Duma maneira muito simples:

As associações operarias pretendem actuar no terreno pratico das reivindicações a que têm direito? Pois muito bem: a policia que as assalte e prenda quantos estiverem lá dentro!

Os jornaes avançados defendem e propagam doutrinas egualitarias, apontando aos trabalhadores os horizontes duma Sociedade Nova, [illegible] ricos e pobres, de governantes e governados? Nada de contemplações: corte-se o mal pela raiz, [illegible] trahindo os originaes e as provas, empastellando a materia já composta!

Os operarios em greve desdenham das ameaças patronaes, recusando-se a retomar o trabalho emquanto subsistirem as causas que os forçaram a abandonal-o? Prisão com elles — e só se restituam á liberdade mediante o compromisso de continuarem a deixar-se expoliar!

Outros trabalhadores, num elevado gesto de solidariedade, notificam os industriaes de que desejam ceder em beneficio de seus companheiros desempregados algumas horas de trabalho por semana? O' feras da lei, prendam esses *perigosos anarchistas* porque não respeitam a vontade de seus senhores!

E os bandidos dourados, fortes do apoio que lhes empresta o governo e todo o seu corpo de esbirros policiaes, soltam estridentes gargalhadas de triumpho e batem as palmas com taboca e irreprimivel satisfação...

E' que não vem um raio que os parta a todos duma vez! E' que a paciencia do povo roça pelos limites da mais absurda resignação!

Dia virá, porém, em que a Razão attingirá o seu apogeu glorioso. Mas emquanto esse dia não surge, faremos nosso o grito de Emygdio Navarro:

— *E' fartar, villanagem!*

A. C.

Em vão o povo derruba os seus verdugos para elevar os seus idolos; os idolos de hoje são amanhã os seus verdugos.

PI Y MARGALL.

O assalto ao Germinal

A policia, devido ao frequente contacto que tem com os gatunos, tambem se fez... ladra.

Até hoje ainda não se resolveu, e parece que nem se resolverá, a restituir tudo quanto *limpou* do Salão Germinal.

Ao que ouvimos dizer, ella tenciona metter esse espolio na Penitenciaria, como co-autor *psychico e intellectual* da conspiração tramada pelos anarchistas *perigosos* contra a integridade *queixal* do illustre presidente...

E nós, operarios, é que temos todos os defeitos... Cães!

***.* O Candeias, ao que consta, converteu-se. Damos, por isso, parabens ao [illegible].**

A montanha pariu... um rato

O sr. Arantes não se quiz ficar atraz dos seus companheiros da *Camorra* e, por isso, fez mover a sua presidencialissima *queixada*. Para quê? Para dizer coisas acertadas? Não senhor. Foi para dizer... asneiras!

Assim, tendo o Supremo Tribunal Federal requerido informações positivas sobre a natureza dos *delictos* attribuidos aos operarios iniquamente deportados, s. s. respondeu — *que eram oradores de comicios*, intitulando-se um delles *professor de anarchismo* (!).

Não é apenas riso o que isto nos provoca: é tambem nojo. E uma rameira, com certeza, teria pejo de pôr o seu nome debaixo de taes dislates...

De facto, em que póde constituir um crime o orar um homem em reuniões publicas ou particulares, se são incontestaveis o direito de reunião e a liberdade de pensamento?

Na ancia de tripudiar sobre tudo e sobre todos, o chefe da *Camorra*, que já se havia definido ao faltar á sua *palavra de honra*, solemnemente dada por occasião da grande greve, mais uma vez evidenciou a falta de caracter que o distingue.

Vendo desmoronar-se o fragil castello de infamias urdidas para poder livremente perseguir trabalhadores honestissimos, a unica accusação que póde encontrar a geito para fulminal-os foi chamar-lhes — *oradores de comicios!*

O imbecil nem se lembrou, ao menos, de que tambem já prégou ás massas noutros tempos, e nem por isso foi preso ou deportado!

O cretino nem se recordou, sequer, de que ainda não vão longe os dias em que na praça publica os seus *socios* despediam terrives anathemas contra Pinheiro Machado, dizendo ser uma necessidade a sua eleminação, sem que por essa attitude fossem jámais incommodados!

Não ha a menor duvida. O jesuitismo que o educou e fez trepar ás culminancias do mando, tem nelle um digno émulo — é tartufo e, o que é peor, calumniador. Que o benza deus... Mas que o cohiba, egualmente, de vomitar sandices de semelhante jaez...

E saiba, em conclusão, que ser *professor* de anarchismo não é nada que possa deshonrar. Deshonra é mentir descaradamente, como s. s. faz. Deshonra é opprimir inquisito- [illegible]. Ora o anarchismo préga a Verdade e combate os déspotas em geral.

Não acha a presidencialissima [illegible] na sublime não se comparam, pallidamente que seja, aos sevandijas que tanto odio lhes votam?

Vá, use da franqueza uma vez na vida — para que se não diga sómente que *a montanha pariu... um rato!*

Um dilemma

— ... Por isso quando affirmas: «sou sincero» — não sabes o que dizes, e quando avanças essa outra affirmativa de que rasgarás o habito no dia em que te convenças da falsidade da sua seita, — mentes como um poltrão!

— Pois fica sabendo: eu sou sincero.

— Se assim, tanto melhor, porque vaes já renegar a tua fé. Attende-me pois alguns momentos, séria e serenamente. Diz-me: Segundo a tua *lei*, quem fez o universo?

— Deus.

— Quem lhe deu as leis que o regem, sustentam e guiam na sua marcha?

— Deus tambem.

— E' elle portanto o regulador de todos os movimentos e revoluções cósmicas?

— Elle, sem duvida.

— Elle que manda as chuvas e os ventos?

— Sim, elle e só elle.

— Fórma, portanto, as tempestades, fazendo correr as nuvens pelo espaço...

— Deus manda tudo, ordena tudo, prevê tudo!

— Manda, portanto, a luz?...

— Manda a luz.

— Manda, portanto, os raios?

— Sim, manda tambem os raios.

— Basta. Agora dize-me só: se fosses tu o autor dos mundos, o regulador de todos os movimentos e phenomenos do universo, e tivesses além disso, uma boa mãe, mãe carinhosa, mãe divina, serias tu capaz de lhe mandar um raio que a partisse?

— Não percebo o que queres dizer...

— Pois é bem simples. Quero eu dizer que esse teu Deus *clemente*, um bello dia pegou num feixe de coriscos fulminantes e sem mais respeitos humanos (já não digo divinos) descarrega-os sobre a sua pobre mãe, que, de mais a mais, nesse momento estava só sem alpendre nem pára-raios que a protegesse das coleras do filho...

— On[illegible] Quando?

— [illegible], no Sameiro, por exemplo. [illegible] Ou não seria elle? Respond[illegible].

— Isso [illegible] mysterios..

— Or[illegible] ahi está como tu és sincero. [illegible] em frente d'um absurdo [illegible] e para não cederes á [illegible] flagrante, dizes que são m[illegible]rios. Pois eu digo que são parvoices.

E é essa a vossa coherencia! E' essa a vossa sinceridade!

O que vocês são (porque tu és como os outros e os outros todos com [illegible] arranjistas; o que vocês são [illegible].

No fundo do vosso coração ha o mesmo desejo, os mesmos sentimentos e intenções d'aquelle personagem de Aristophanes que declama: «E' pelo Deus das riquezas (Plutus) que Jupiter reina; é por elle que se fazem sacrificios.» E noutro ponto: «Outr'ora, quando os homens eram pobres, os templos estavam sempre cheios de adoradores e, portanto, cheios de offerendas. Hoje porém não se veem senão alguns poltrões ou rameiras, que entram apenas para fazer as suas sujidades. Mas tambem, — acrescenta o digno sacerdote hellenico — eu vou dizer adeus a Jupiter!»

Eis o que são os padres, em todos os cultos e em todos os paizes...

(Dos *Sermões da Montanha*).

THOMAZ DA FONSECA.

Palavras dissonantes

E' evidente a preparação da guerra entre o Brasil e a Argentina. Dum lado e doutro lado, clamam por ella militares profissionaes, desejam-n'a banqueiros e commerciantes, e poetas velhos e novos, histericos e amantes de alheias truculencias sanguinarias, cantam antecipadamente a gloria dos futuros herões... Ora, como eu estou em idade militar e, em caso de guerra, provavelmente serei chamado ás armas, quero, desde já, fazer publico a seguinte e reflectida declaração: eu sou pacifista, antimilitarista, antiguerrista e, em consequencia, não pegarei absolutamente em armas de nenhuma especie para ir á guera. Não quero guer- [illegible] guerrearei. Não me faleis em defesa da patria. Não defende- [illegible] nenhuma. Eu não [illegible] eu não sou patriota. A Republica? Isso é uma quadrilha de ladrões organizados com o fim de viver á custa do povo. A Bandeira? Isso é um pedaço de panno verde e amarello, que para mim não merece o esforço dum escarro. Não penseis um momento, siquer, que eu tenho medo: deixar-me-ei, antes, fuzilar como desertor, como refractario, como bandido, como o que quizerem. E ainda encostado ao muro da execução, eu hei de gritar com toda a força do meu coração: abaixo a guerra!...

BAZILIO TORREZÃO.

Um satyro de tonsura

A escandalosa benevolencia dum juiz faz com que o «passaro» bata as azas...

Consoante informou *A Capital* de quarta-feira, o padre Miguel Sicardi, conhecido satyro de Santo Amaro, fugiu ou vae fugir para o Rio e d'ali não se sabe para onde... com o pretexto de ter sido chamado pelo bispo!

Quando tantos rigores existem para com indefesos operarios, cujo crime é gritar que têm fome, causa repulsão a benevolencia do juiz a quem estava affecto o processo instaurado contra o libidinoso carolla, mandando pôl-o em liberdade, apesar mesmo de todas as provas accumuladas!

Arcades ambo. Juiz e carolla provaram mais uma vez os laços que os une mutuamente. Commungando o mesmo ideal de tyrannias, trevas e mentiras — elles sabem valer-se das opportunidades para se demonstrarem essa amisade affavel que os livra quotidianamente de passarem sob as forcas caudinas da justiça legalitaria.

A donzella que o padre deflorou póde chafurdar á vontade no atoleiro da prostituição, alvejada a cada instante pela pua acerada dos desdens indigenas. Isso não constitue nenhum crime...

O pae e o irmão da inditosa victima, por tentarem vingar a sua honra ultrajada, podem gemer longamente entre as quatro paredes dum carcere infecto. Isso não representa nenhuma deshumanidade...

Crime e deshumanidade existiriam se o *seraphico pastor das almas* fosse, porventura, privado das suas ovelhinhas — tão mansas e bondosas que elle até as leva a commetterem o peccado da carne!

Como a batina e a toga trescalam a podridão moral!...

Resenha de uma operaria

Os artigos escriptos nas columnas do «Correio» cheiram a cera e a incenso! Se não é padre que escreve ali, deve ser pelo menos alguem sob inspiração de padre...

***

Emquanto não conseguirmos sanear o espirito dos homens de todos os preconceitos, quer religiosos ou patrioticos, haverá sempre escravos sobre a terra...

***

Se Christo viesse ao mundo outra vez, prégar a sua doutrina, descalço e maltrapilho... a ilha dos Barbados seria para elle tambem, já que o Estado actual da civilisação não permittiria que o crucificassem...

***

Não será para se admirar se algum dia nos accusarem de exploradores de nossos patrões e nos infligirem castigos por isso.

Tem se visto cada uma ultimamente...

ISA RUTI

Ainda bem!

Ainda bem que as innominaveis violencias dos vandalos policiaes deste feudo vão repercutindo, de quebrada em quebrada, por toda a immensa vastidão do paiz, provocando, como é natural, profunda e geral indignação contra a desprezivel camorra dirigente, que nestes momentos pretende solucionar os complexos problemas sociaes e economicos com medidas de arrocho ás mais caras liberdades humanas.

Por cartas e pelos jornaes que recebemos ultimamente do interior podemos formar uma idéa exacta da intensidade de indignação causa- [illegible] arbitrarias prisões, deportações e demais infamias praticadas pelo governo de S. Paulo. Os jornaes, sobretudo, reflectem com mais fidelidade esse sentimento da opinião publica, estampando em suas columnas artigos, nos quaes verberam com vehemencia semelhantes attentados á liberdade.

Do Rio, tambem nos chegam noticias de um promissor movimento de reacção e de protesto contra o banditismo dos cossacos paulistas. No nosso passado numero publicámos a constituição do Comité de Defesa dos Direitos do Homem, que se propõe a realisar uma vasta obra de combate ás tendencias liberticidas dos governantes deste paiz do arbitrio, onde, sob as falsas apparencias de um liberalismo mentiroso e hypocrita, se vão praticando os mais revoltantes e hediondos crimes contra os direitos do homem.

O Comité, dando inicio a sua benefica acção, acaba de lançar um vibrante manifesto, no qual analysa e profliga com vehemencia os iniquos actos do governo de S. Paulo, ancioso por anniquilar no nascedouro as organisações que surgiram para a defesa dos interesses do proletariado opprimido, escorchado e agora até reduzido ao silencio para maior tranquillidade dos seus exploradores.

Por nos ter chegado muito tarde ás mãos a integra desse manifesto deixamos de dar-lhe publicidade hoje, o que faremos no proximo numero.

Sabemos igualmente, por communicações recebidas, que está projectado um grande festival pró-familias dos deportados e presos.

A PLEBE continúa sendo impressa nas officinas do nosso presado collega — O COMBATE.

Traços rubros

Em todo o Brasil não se encontra na imprensa diaria orgam que mais activamente tresande a militarismo do que *A Platéa*. Ha até quem diga ser este vespertino afilhado muito estremecido dos paizes da «Entente», que lhe subvencionam prodigamente a propaganda guerreira. Mas nós cremos que isso seja apenas producto das más linguas, á falta de melhor assumpto para coçarem as gengivas...

Entretanto, *A Platéa* acaba de trahir a sua missão. Acaso algum rebate de consciencia? Algum arrependimento do mal feito? Não importa sabel-o. A verdade é que ella reconheceu a ficção patriotico-militarista, exprimindo-se da maneira que se vae ler:

«...Chegou ao quartel-general, no Rio, um preto de 72 annos, veterano do Paraguay. Fez a pé, «por caminhos asperos e fragosos», leguas interminaveis, gastando 40 dias, para receber 15$000 que a nação lhe deve! O pobre septagenario cahiu sériamente enfermo de tanto caminhar ás intemperies, curtindo fome e toda a sorte de desconforto, só com a mira de receber o irrisorio soldo que a lei sarcasticamente lhe conferiu e a nação perversamente lhe tem negado...

Graças a Deus, não lhe negaram uma enxerga no Hospital Central do Exercito. Si o pobre preto morrer da caminhada, deixa, pelo menos, 15$000 para a cova. Deste veterano não se póde queixar a nação.»

Na sua rude simplicidade, a triste odysseia descripta pela *A Platéa* revela com nitidez quanta hypocrisia caracteriza a sociedade capitalista. Para lhe defenderem os interesses ameaçados, ella obriga os párias a empunhar armas fratricidas e matarem-se uns aos outros mutuamente. Finda a sangueira, assegurados seus privilegios e sinecuras, recompensa os mesquinhamente com uma mesada de 15$000, que nem dá para um passadio de pão e bananas!

E' que a patria — a barriga dos poderosos — não quer saber de desgraças. Os párias têm o dever de dar-lhe o seu *tributo de sangue*, mas não têm o direito de exigir-lhe garantias que os ponham ao abrigo de necessidades. Inutilisem-se embora para toda a vida; possuam mesmo uma prole numerosa de quem eram o unico arrimo — que importa isso? Governem-se como puderem: mendiguem ou roubem para não morrer de fome — mas tomem cuidado, em qual- [illegible] casos, com os rigores da lei...

O exemplo referido pela *A Platéa* não é raro. O que aconteceu com o infeliz veterano da Paraguay acontece com a maioria dos que sobrevivem ás hecatombes que dizimam o genero humano. Em todos os tempos e em todas as partes do mundo, milhares de individuos têm sido lançados á margem depois de se baterem heroicamente em prol da causa dos seus oppressores. Illesos ou mutilados, a patria esquece-se delles e a sociedade olha-os com demonstrações de despreso...

De resto, qualquer que seja o aspecto por que encaremos a questão, a mesma coisa se nos antolha sempre: dum lado, a supremacia e o engrandecimento financeiro do Capital; do outro, a servidão e o desequilibrio economico da classe trabalhadora.

E' esse o premio ao seu sacrificio! E' esse o galardão á sua estoicidade! Eis porque não sou patriota. Eis porque odeio o militarismo.

ANDRADE CADETE.

O direito da greve

Opinião do ministro Viveiros de Castro

Ha cerca de cinco annos, o ministro Viveiros de Castro, realizou no Instituto da Ordem dos Advogados uma conferencia cujo thema foi — *O direito da greve*, e da qual publicamos a seguir um pequeno trecho. Qual será a opinião de sua exa. hoje, em que o movimento operario se dilata pelo paiz inteiro?

Sabel-o-êmos dentro em breve...

Eis o trecho:

«O artigo 205 parece visar os promotores da parede; e dada a elasticidade da expressão, «manobras fraudulentas», ficariam sob a pressão de um processo criminal os membros da directoria de um syndicato profissional que, tendo resolvido uma parede, procurassem desviar do serviço os respectivos operarios e trabalhadores.

Semelhante interpretação, porém, seria inadmissivel, em face do citado decreto n. 1637 que facultou a creação dos syndicatos profissionaes.

Effectivamente, si o fim desse syndicato é promover a defesa dos interesses geraes da profissão, si o maior interesse do operariado é augmentar o salario e diminuir as horas de serviço, e si a jurisprudencia dos povos cultos reconhece que a parede é um meio muito licito de que se servem os syndicatos para conseguirem o seu objectivo, me parece egualmente liquido que não poderá ser incriminada a Directoria que, promovendo a parede, allicia o operario para garantir o seu exito.

Em face do nosso direito, tenho por inteiramente arbitrario o procedimento da policia, prendendo, quando ha uma parede, os promotores do movimento, os que empregam esforços para generalisal-o.

Si a parede é um direito, é perfeitamente licito o acto de quem convida os companheiros de classe a excital-o, máximé não perdendo de vista que o êxito das paredes quasi sempre depende do numero dos seus adherentes.

Seria evidentemente forçar a nota, arvorar o convite, a propaganda, em «manobra fraudulenta», prevista pelo nosso Codigo Penal.»

Os espiões

Não é sem razão que sempre temos [illegible] columnas chamar a attenção do [illegible] para [illegible] espiões.

Ainda [illegible] ultimos dias [illegible]am-se varios que frequenta[illegible]am as reuniões das ligas, declarando-se libertarios [illegible] illudirem os trabalhadores.

En[illegible] de cobertos, é figura principal, José Bastone — o famigerado passador de dinheiro falso, que a policia protege escandalosamente.

Bello gesto!

Animador o que nos informou ha dias um topico do «Estadinho».

Em Oliveira, Estado de Minas Geraes deu-se um facto bem significativo, «que revela eloquentemente» a superioridade da gente dos nossos sertões, sobre a gente tida como civilisada das nossas grandes metropoles.

O facto é o seguinte: Um grupo de mulheres daquella localidade não se conformando com a implantação do serviço militar obrigatorio no Brasil, invadiu a Camara, onde se achavam os membros da Junta de Alistamento, em meio de seus trabalhos e rasgou os papeis que encontrou, espatifando todos os moveis!»

Ao contrario do que disse o «Estadinho», nós achamos bello, simplesmente bello o gesto das sertanejas mineiras.

Oxalá que todas as outras o imitassem, afim de acreditarmos que caminhamos a passos largos para a civilisação desejada!

Silencio significativo...

Tem-se tornado bastante reparado o prudente silencio de Conrado a que se remetteu *A Gazeta*, relativamente ao caso policial de anarchismophobia.

Quem viu o solerte vespertino ha tres mezes atraz, e olha agora para elle, não o reconhece, positivamente. Está mudado. Mostra outra cara. Fala noutro tom. As afflicções alheias já o não preoccupam. A miseria publica já lhe não arranca brados de protesto. A ganancia dos especuladores já lhe não merece as acres censuras de que tanto se desvanecia...

Diabo! *A Gazeta* será, porventura, algum cameleão? Vender-se-ia ella, tambem, ao ouro dos potentados? Tudo leva a crêr que sim, uma vez que nega, com o seu silencio, solidariedade á imprensa que ainda não se abandalhou encobrindo os crimes dos Trepoffs de papelão que nos tyrannisam.

Quando chegará a vergonha ás faces estanhadas de certos *fraldiqueiros* do jornalismo?!...

O "Parafuso,,

Circulou hontem mais um numero d'*O PARAFUSO*, o magnifico semanario que se vem recommendando numa arrojada e saneadora cruzada de combate á infamerrima plutocracia paulista.

Cada numero do valente semanario é mais um triumpho, e o presente não destôa dos demais, desde a capa (uma esplendida e causticante «charge» a proposito dos deportados do «Curvello») até aos vibrantes artigos do texto, nos quaes são escalpelladas com o bisturi de uma critica implacavel as infamias dos *gros bonnets* da governança desta desditosa terra dos bandeirantes...

Que *O PARAFUSO* siga sempre ovante na sua marcha ascencional, são os augurios d'A PLEBE.

Reaja o povo!

A este momento, com toda a certeza, ha de estarse lambendo e relambendo de alegria, a camorra escravocrata que com deslavado cinismo vem de ha muito martirizando, escorchando e vilipendiando o proletariado honesto e consciente das infelizes terras paulistas.

E' que a camorra, de mãos dadas aos gaviões da industria e do commercio, começou a dar execução ao tenebrozo plano que arquitetára, quando do grandiozo movimento emancipador levado a cabo, em julho deste ano, pelo proletariado da Paulicéa.

Naquelles dias de efervecencia, motivada pela justa indignação de toda uma classe que se sentia universalmente esplorada, as autoridades paulistas, tranzidas de pavor, agachadas de medo, acovardadas diante do vigorozo protesto do operariado a tudo jezuiticamente acederam para acalmar a colera justissima da plebe ruida pela fome e torturada por um trabalho exaustivo e mal remunerado. E, pondo de intermedio a imprensa da cidade de S. Paulo, completamente apavorados, os dominadores fizeram ao operariado ancio zo do bem-estar a que tem indiscutivelmente direito, as promessas que se conhecem.

Fazendo-as, entretanto, era intuito decidido e perentorio dos oligarcas odientos da terra do café, não só desfazerem, passada a tormenta, o compromisso assumido para com os trabalhadores, como tambem perseguirem com a ferocidade do costume aqueles que mais se tivessem distinguido na campanha ardoroza e veemente contra a estorsão e abuzos inominaveis do capitalismo esplorador.

E o plado de vingança, perfida e maldosamente ruminado pelas lesmas do brio e do carater, que tanto são os salafrarios da corja governativo, do Estado de S. Paulo, principiou a ser executado com sanguicedencia de chacaes, para a indizivel satisfação do galgo mor Aurelino e demais fraldiqueiros cá da Sebastianopolis famoza, os quaes como é facil imajinar hão de estar a fremir de impaciencia por se lhes oferecer ensejo de mostrarem tambem as invejaveis habilidades inquizitoriaes.

Com o empastelamento de «A Pable» e as prizões e as torturas e as espulsões de homens de mãos calozas mas inteiramente limpas, como as não possuem os mandriões da alta roda, lançou a tropilha tanjida pelos Rodrigues Alves e Alticos Arantes, a luva de desafio ao povo trabalhador.

Que esse povo, assim provocado, levante galhardamente a luva e com pulso rijo e inda mais rija a vontade, reduza a farelo a prepotencia da camarilha odioza que o desangra de modo tão revoltante!

Que esse povo, assim espezinhado e oprimido tão vejatoriamente, ponga ponto final á serie de enxovalhos e vilezas que tem sofrido, entrando definitivamente, na posse coletiva das riquezas sociaes por ele produzidas e acumuladas hoje nas unhas de uma minoria parizitaria e veraz!

O direito á vida e á liberdade não se pode, não se mendiga: toma-se, conquista-se, e contra-gosto dos tiranos.

X.

(Do Comospolita)

Espião?

A proposito da denuncia de espiões que «O Combate» fez na sexta-feira, procurou-nos hontem o sr. Antonio Monte an... para protestar sobre o facto de estar o seu nome incluido nossa denuncia, accrescentando-nos que vae provar exhuberantemente como não é um espião.

Não tivemos ainda motivo para suspeitar do sr. Montoano, mas, como o conhecemos de ha tão pouco tempo, não podemos dizer nada em sua defesa.

Por isso elle que procure destruir, como puder, a calumnia de que diz ter sido alvo.

Uma prenda... de annos

O sr. Torquemada da Justiça festejou esta semana mais um anniversario natalicio.

Por esse motivo, tanto a clericalha de batina como a de casaca foi ao Santo Officio cumprimentar sua rvma. e offerecer-lhe um magnifico busto esculpido em bronze.

Um busto?! Querem ver que o Bandeira de Mello metteu figura á custa... dos outros?

Por isso o asno mostrava tanto empenho em possuir o busto de Pietro Gori, roubado da residencia do nosso camarada Cianci, quando esta ha tempos foi assaltada pelo seu bando!...

A caserna

Uma caserna que é? Um antro de assassinos
Promptos a desbancar os tigres e as pantheras
Em chacinas brutaes, improprias destas eras...
Que o Povo já não é rebanho de suinos!

Escola da maldade, ella ministra ensinos
Tendentes a fazer dos homens bestas-feras...
Por isso eil-os matando, em tragicas esperas,
Os paes mais os irmãos, embora pequeninos!

Seu lemma é ser passivo, automato, obediente;
E' ter o pensamento acorrentado á treva;
E' immolar á patria o bem-estar e a vida;

E' ser um manequim de aspecto repellente;
E' ter no coração uma crueza seva;
E' ter a consciencia, emfim, sempre opprimida!

ANDRADE CADETE.

Rajada reivindicadora...

Suffocava-se naquella época.

Especulações criminosas gravitando em torno da encarniçada lucta que então assolava o mundo inteiro, haviam tornado inaccessiveis os preços das casas e alimentação. A fome, sinistra e negra, havia muito invadira os lares famintos dos sem-camisa; e os piratas da governança, dispondo do arbitrio e da força arregimentada das armas ao seu serviço, esphacelavam sem piedade os motins frequentes, multiplicados dia a dia como consequencia logica do descontentamento popular.

Uma atmosphera de chumbo pesava sobre todos. O terror e a desconfiança imperavam por toda a parte e as deportações e fusilamentos dos homens de idéas novas, cresciam assustadoramente. Os carceres regorgitavam de innocentes ou culpados aos quaes os canalhas fatidicos da policia applicavam os mais atrozes e abominaveis supplicios; e aos infelizes que tinham a desdita de não sobreviver a delictos tão monstruosos, lhes era dada sepultura nos proprios subterraneos da prisão.

Ignorava o povo, em parte, estes crimes e todavia desesperava! Desesperava porque na sua mansarda misera os filhos pediam pão, emquanto fóra, na rua, imperturaveis nuvens d'aço guarneciam os grandes armazens de comestiveis!

Era, pois, imminente o desencadear duma tempestade revolucionaria. Foi o que se passou.

* * *

Estavamos ha poucos annos após o começo deste seculo quando se passaram os factos que vou narrar. Teria eu uns vinte e cinco annos approximadamente.

O dia rompera empannado e plumbeo. Aqui e além, confundidos ainda com as ultimas sombras da noite, numerosos grupos de esfarrapados discutiam com fervor o que urgia fazer como represália á attitude atrabiliaria e violenta do governo mandando affixar uma proclamação na qual se instituia o estado de sitio. No entanto reinava a hesitação. Era necessario, indispensavel mesmo, como em todos os momentos solemnes da historia, alguem que fallasse áquella multidão revolta e esfomeada, concitando-a e dando o exemplo pelos seus proprios actos á grande tormenta regeneradora. E esse alguem appareceu. Foi uma mulher. Desgrenhada e livida, ella disse:

— Camaradas, vinde!

Todos a acompanharam.

Nos bairros aristocraticos e de luxo em cujos pincaros floridos áquella hora matinal dormia o somno solto a fina e pura nata da burguezia insolente, pairava uma paz do céu... Dir-se-iam torrões abençoados por deuses hypocritas e malditos...

Conhecedora a policia do que a plebe se sublevava e que, armada de varapáus, pedras e facalhões, percorria a cidade em avalanche ameaçadora, apavorada e arrogante o seu primeiro gesto consistiu em reforçar com novos contingentes as casas bancarias e commerciaes...

E a onda humana subia, subia sempre, em direcção aos irreverentes e faustosos palacetes que serviam de aprazivel moradia aos innumeros zangões da grande colmeia social...

*

Desencadeara-se finalmente a vindicta inexoravel e fecunda. Os famélicos, inflammados por aquelle genio stirneriano de mulher do povo, deram começo ao massacre. Antes, porém, de ser iniciada a matança, haviam sido cuidadosa e prudentemente empachados todos os arruamentos que davam acesso aquellas culminancias. O que então se passou foi simplesmente inebriante! Redondos abdomens surprehendidos em pleno leito de sumaúma, eram lançados pelas janellas uns, estrangulados, decapitados ou esquartejados outros.

Um furor ineffavel de vingança e justiça, invasor heroico de tudo e todos, embriagara aquellas almas simples de martyres da expoliação.

E essa embriaguez, implacavel e homerica, arrastava-os a excessos taes, que, a algumas das suas victimas assassinadas sobre as proprias camas fôfas, lhes era aparado o sangue em alguidares e sofregamente bebido gotta a gotta.

Que espectaculo grandioso!

A sangueira jorrando caudalosamente pelas vias em declive e passando sob as incommensuraveis barricadas, servia de mensageira macabra e cruel aos bandidos de galões que, em baixo, aguardavam impacientes os resultados do proximo e supremo embate.

Durante o dia inteiro o furacão sangrento e horrivel dos maltrapilhos se não poupára a faina salvadora e feroz da destruição e morte dos insultuosos e infamissimos parasitas que, mesmo remontando á mais longinqua antiguidade, outra coisa não haviam feito do que roubar e viver miseravelmente á custa do suor alheio.

Recrudesciam os incendios com uma rapidez e incremento inconcebiveis! Apenas encantador e bello!

*

Chegada a noite, uma noite pallida e triste, e já municiosamente guarnecidos e equipados os insurrectos, com armamentos variadissimos encontrados nos sumptuosos aposentos dos diabolicos vivedores, um vulto immaculado e santo de mulher, assomando a um mirante, exclamou:

— Camaradas, aos soldados!

Era o principio do fim.

Todos correram a tomar os seus postos nos entrincheiramentos.

Renhida e ferocissima batalha se iria travar immediatamente.

Mas qual não foi o espanto estabelecido dum e doutro lado dos combatentes quando, o mesmo vulto de mulher, desgrenhado e livido, trepando no terraço duma pequena habitação rica que se conservava imponente encarapitada numa crista, abrindo os braços gritou:

— Irmãos, fraternisai-vos!

Em vão as vozes de commando ordenaram fogo. Os seus écos foram abafados sem delongas pelas espingardas sacratissimas dos militares sem patente.

Uma lua ensanguentada e em foice brilhava das alturas, sorridente... Dir-se-ia compartilhar alegremente da victoria obtida pela «escória fétida» sobre a tyrannia dum jugo secular...

Rio, 1917.

Jonquim Maujor

Como foi gerado o padre

Depois da creação de Adão, o diabo quiz tambem crear um homem. Preparou uma porção de argilla e accendendo o seu cachimbo, poz-se ao trabalho. Mas devido as fumaças do pito, pretejou a batina, e a sua obra sahiu imperfeita. Em vez de um homem branco, egual a Adão, o diabo creou um padre.

Furioso por ter fabricado uma obra tão imperfeita, Satan deu um formidavel socco na cabeça do padre, razão pela qual este ficou com o chapéu achatado e o rosto inchado. O pobre padre cahiu por terra, tal a dôr que sentiu com aquella caricia diabolica. O diabo querendo levantal-o segurou-o pelos cabellos, mas a sua mão fez o effeito de uma marca de ferro, a de marcar animaes, deixando no meio dos cabellos da cabeça do padre, a marca de uma corôa.

Itaquaquecetuba, 23 de Setembro de 1917.

URAN.·.

ERRATAS

A Plebe ultima, na primeira local do *Movimento Operario*, inseriu a palavra *intrigando-se* em vez de *integrando-se*, que alterou por completo o sentido da mesma.

Egual disparate sahiu na correspondencia de Pitanguciras, onde a palavra *fustigasse* foi trocada por *justificasse*.

Alem destas, varias outras erratas menos importantes escaparam á revisão — mas o leitor, decerto, as corrigiu, dispensando-nos assim de o fazermos.

NOTAS

E' espantoso o esforço sobrehumano que está fazendo a classe operaria para adquirir aquillo que tem todo o direito — a sua liberdade!

Infelizmente, porém, vae essa classe laboriosa por um caminho errado. Emquanto esses filhos do trabalho, vão para a praça publica protestar, arriscando a vida em luta com a policia, suas esposas vão para a igreja receber conselhos dos seus directores espirituaes!

Como é sabido, hoje quem manda nas repartições administrativas, é o padre, e este é o senhor absoluto da mulher.

Se o operario quer ver o triumpho da sua causa, deve começar prohibindo que suas esposas e suas filhas vão ajoelhar-se ao pé de um sotaina.

Emquanto predominar o padre, teremos a protecção ao rico e o desprezo ao pobre.

No dia em que o trabalhador se libertar da ignorancia, terá caminhado muito para a sua liberdade.

Que esse dia chegue logo, são os votos que faz

UM COMPANHEIRO.

Seguir os impulsos do coração, obedecer aos meus intimos, escutar em mim a voz da natureza, eis a minha suprema lei.

RICARDO WAGNER.

Manifestações de solidariedade ao nosso director e ao operariado de S. Paulo

Continuamos a publicar a correspondencia recebida pela *A Plebe* a proposito das violencias da Inquisição policial, correspondencia que traduz o protesto vehemente da parte sã e honesta do povo brasileiro:

Amigo Edgard: — Não tenho receio de dizer-te o que sinto: estou confortado com a tua prisão! Não te admires, pois não é mais do que uma verdade o que eu acabo de dizer-te... Ser e não ser, eis o grande problema... Se tu fosses um dos que compõem a *Camarilha*, estarias em liberdade... Socegarás, porém, a tua consciencia, cumprindo com as determinações que a injustiça dos juizes politicos te impuzeram. Tu estás no lugar em que elles não estariam: estás no teu lugar... e ereias que, comtigo, está o teu amigo certo, que te abraça fraternalmente — São Paulo, 10 de Outubro de 1917. — *Martiniano Leite.*

—

Meu caro Edgard: — Saúde. As victimas da prepotencia e da violencia politico-burgueza tiveram sempre um logar de honra na galeria dos heróes — nesse quadro glorioso em que se immortalizaram os apostolos da Verdade e da Razão, contra o engenho hypocrita e venal dos defensores do preconceito e do absurdo.

Entre estas victimas estás tu, caro amigo, que si delicto algum has commettido é o de não servires á causa dos potentados, trahindo ás tuas convicções, enxovalhando a tua consciencia. Possues um caracter inflexivel, uma consciencia pura; logo, não podes, torna-se impossivel accumulares as funcções de *ladrão*.

Ladrões que não possuem nem caracter, nem dignidade, nem brio, são aquelles que não hesitam em roubar, violentamente, a horas mortas da noite, os chefes de muitos lares em que sobra a honestidade e a honradez, para fazel-os apodrecer entre quatro paredes geladas de um carcere ou nos fundos dos porões de um navio lugubre, cujo rumo é o crime...

E dizer que da «palavra de honra do governo» fez esse mesmo governo jesuita uma petéca!... — São Paulo, 3 de Outubro de 1917. — *J. M. Bueno.*

—

Leuenroth: — A's manifestações de solidariedade, de que tens sido alvo, quero que juntes as minhas.

No extremo sul, onde impera tambem o despotismo, ha quem te admire e acompanhe com interesse os embates da tua luta grandiosa.

Recebe por isso o meu abraço sincero. — Rio Grande do Sul. — Setembro, 1917. — *Kães.*

—

Caro Edgard: — Felicito-te pela tua coragem, diante dos bandidos da olygarchia paulista. Não recuaste, bravo! Aos companheiros deportados envio daqui a minha saudação. — Poços, 2-10-17. — *A. Vizzotto.*

—

Solidarizando-se com o operariado de S. Paulo, o *Municipio de S. Bernardo* assim escreveu no seu numero de 2 do corrente:

«Foi o grande ideal do operariado, que se estava operando com vertiginoso incremento, que o Governo do Estado quiz ceifar na sua phase embryonaria. Foi uma força politica temivel e respeitavel que a autocracia e a olygarchia paulista quiz esphacelar com um golpe de astucia, virgem nos annaes da nossa historia politica.

O operario, segundo os principios mais do que republicanos, democraticos e humanitarios dos dirigentes da nossa politica, não deve ser mais do que um automato, obediente á vontade suprema desses pro-homens.

O operario não póde ter consciencia, liberdade, ideaes; não póde gozar dos direitos politicos e sociaes que os povos cultos lhe consagram n'outras plagas onde o egoismo, a vaidade, o depotismo e a ausencia completa de nobres sentimentos são coisas ignoradas.

Nós tambem queremos ser as victimas desse abominavel rancor porque somos amigos do operario, porque tambem somos adeptos da imprensa independente.»

LEIAM

O Parafuso

Dr. Evaristo de Moraes, que impetrou e sustentou oralmente a ordem de «habeas corpus», perante o Supremo Tribunal Federal

Razão e preconceito

Ninguem deve suppor-se livre, só pelo facto de ter conseguido emancipar-se de todo o jugo externo; ninguem deve julgar-se dotado de dispor de si livremente, se dentro de si leva um amo, e o peor de todos os amos, — o preconceito.

Ninguem é philosopho si não é livre; ninguem póde jactar-se de ser livre si submette o seu espirito a outra autoridade que não seja a razão a outra regra que a evidencia.

JULES SIMON.

As deportações para a Noroeste

Quem é Evaristo

Evaristo Ferreira de Souza, que a policia deportou para a Noroeste, é, como já dissémos, brasileiro, natural de Sergipe.

Foi praça do Exercito. Esteve destacado no Paraná. Ao que parece, chegou a ser promovido a sargento.

Em S. Paulo, pertenceu á Força Publica, como praça da Guarda Civica e depois do Corpo de Bombeiros.

Mais tarde trabalhou nas obras do Cinema Central. Ultimamente, viajava para a *Guerra Sociale*. Este é o seu crime.

A policia não conseguiu fazer prova de que elle é um delinquente, para o processar. Preferio, por isso, deportal-o para uma zona sertaneja, pena que não consta do Codigo Penal mas está muito em uso, ha largos annos, em S. Paulo, o mais adiantado dos Estados da Federação.

O CASO CANDEIAS

CONVITE

Julgando que as declarações prestadas por A. Candeias Duarte ao sr. secretario da Justiça tenham sido deturpadas pela imprensa, convidamol-o a declarar se ellas são ou não verdadeiras.

VARIOS ANARCHISTAS.

O processo Leuenroth

Prisão e soltura d'alguns co-réos

Uma cilada da justiça

Tendo o sr. dr. Matheu Chaves, juiz da 4.a vara criminal, pronunciado Edgard Leuenroth e os demais co-réus no processo em que eram accusados como co-autores do assalto ao Moinho Santista, o escrivão sr. Paiva Junior, em obediencia ao despacho, expediu os mandados de prisão contra os co-réus, que apezar de presos em flagrante haviam sido soltos pelo delegado dr. Bandeira de Mello, e, assignados pelo juiz, foram os mandados e respectivas cópias enviados á policia.

No dia 29 de setembro os jornaes da tarde noticiaram, e os jornaes da manhã no dia seguinte tambem o fizeram, que á rua Visconde de Parnahyba n. 286, havia sido preso por dois agentes o co-réu Luiz Mazziero ou Mazzielo.

Tambem foi preso o co-réu Alberto Augusto, residente á rua João Antonio de Oliveira n. 86.

Luiz Mazzielo ou Mazziero chegou até a constituir seu defensor o dr. Marrey Junior.

No entanto hontem soubemos que, não só esses dous co-réos, como mais seis ou sete que já haviam sido presos, em virtude dos mandados expedidos pelo juiz da 4.a Vara Criminal, foram novamente postos em liberdade. Um dos redactores d'O COMBATE esteve hontem na casa de um dos co-reus acima referidos e com elle falou, confirmando-se aquella informação da nossa reportagem.

Como é natural, a familia dos presos ficou satisfeitissima com o seu regresso ao lar, tanto mais que quasi todos elles são menores. Trata-se, no entanto, de uma cilada, para comprometter ainda mais os accusados.

Com effeito, isso só poude acontecer em virtude de um accôrdo entre a policia e o juiz, para justificar-se de haver feito o summario sem a presença dos co-réos, allegando-se que não haviam sido encontrados no dia 21 de setembro para serem intimados, como não são agora para serem presos.

Mas esperamos que o dr. Marrey Junior não se prestará a essa farça, e que dirá, si fôr necessario, que o seu cliente Luiz Mazziero ou Mazziel esteve preso. Tambem não faltarão testemunhas para prova de mais esse manejo da justiça, conluiada com a policia. Nem é possivel sanar a nullidade decorrente da falta de nomeação de curadores aos réos de menor idade.

Que miserias mais nos reserva o processo de Edgard Leuenroth?

(D'O Combate).

Uma carta dos 9 deportados do "Curvello"

"Gatunos" roubados!

Como é publico e notorio, a policia desta capital [...] aos quatro ventos a atoarda capciosa de que os nossos companheiros deportados eram, além doutras coisas de egual quilate, atrevidos larapios.

Leiam os leitores o telegramma abaixo, que trasladamos do vigoroso vespertino «O Combate», e digam depois, em consciencia, quem são os gatunos e os que por elles são roubados...

RIO, 6 — «A Razão» publica uma carta que lhe foi enviada da Bahia pelos 9 deportados, que são os seguintes: Primitivo Soares, José Sarmento Marques, Zeferino Oliva, Antonio Nalipinsky, Virgilio Fidalgo, José Ghicco, Antonio Lopez, José Fernandez e Francisco Arouca. Descrevem os horrores que passaram nas bastilhas paulistas.

Queixam-se do que a policia lhes subtrahiu e se recusou a lhes restituir os seguintes objectos: a Sarmento, 87$200, um relogio de de prata e tres chaves; a Ghicco, 3$500, uma gravata, um suspensorio, uma carteira e varias chaves; a Fidalgo, 4$000, uma carteira e um alfinete de ouro; a Arouca, 16$400, uma carteira, documentos de identidade e uma chave; a Primitivo, um relogio e corrente de nickel, uma gravata cartões commerciaes e outros documentos; a Lopez, 1$000 e uma caneta stenographica; a Oliva, 3$000 e sellos.

O ensino da Historia

A Historia não dá lições á infancia, só as dá aos historiadores, e detestaveis quasi sempre. Tudo o que o homem tem feito para embellezar a sua existencia, a criança facilmente o comprehenderá. E isto é o mais importante que ha na Historia. E' o progresso o que mais convem ensinar ás crianças e não a vida e milagres das personagens illustres — monarchas, politicos ou generaes. Não faz falta nenhuma que a criança não saiba, durante annos, que hão existido estes seres decorativos e perniciosos.

ROORDA VAN EYSINGA.

Na Argentina

As gréves

Despachos de Buenos Aires trazem-nos a noticia de que a situação interna da Argentina é deveras assustadora, devido ás gréves que lá têm rebentado.

O actual movimento grevista já attingiu enormes proporções, tendo havido a paralysação de [...] transportes.

A Federação Operaria Regional tambem declarou a parede geral, convidando os seus socios a resistir até ao extremo da violencia.

Todos os dias adherem ao movimento novas classes operarias.

O governo enviou aos grevistas um «ultimatum»; os seus termos são ainda desconhecidos.

A proposito transcrevemos do *Debate*, o que vae abaixo:

«Os ultimos telegrammas de Buenos Aires noticiam e prenunciam graves acontecimentos, relacionados com a grande parede de ferro-viarios argentinos.

Os conflictos sangrentos entre paredistas e a policia se vão tornando frequentes e cada vez mais vultuosos. Ha ameaças de gréve geral, de caracter accentuadamente revolucionario...

Fructos da epoca. Jámais se viram, tão amiude e tão violentas, por todo o mundo, simultaneamente, gréves como agora. Inevitavelmente brotadas da situação de profundo mal-estar em que se debatem as classes trabalhadoras, salta á evidencia que, emquanto a mesma situação permanecer, por força hão de as gréves se multiplicar, até uma solução baseada em profundas e radicaes transformações do regimen actual de trabalho e salario.

Tentar suffocar movimentos dessa ordem com as brutalidades e ferocidades policiaes é que é contraproducente, inhabil e imbecil. A historia da luta entre a tyrannia dos poderes constituidos e as forças libertarias da massa popular é velhissima e a mesma de sempre: a cada periodo, mais ou menos prolongado, de dominação e victoria secundarias da tyrannia, corresponde um periodo rapido, fulminante, de violencias extremas e final victoria das correntes populares.

Assistimos, neste momento, a uma phase, que se póde chamar de transição, entre um periodo e outro, sendo que a Russia se acha em pleno tumulto revolucionario. Atraz da Russia virão outros paizes...

As gréves actuaes da Argentina marcam etapas bem claramente pronunciadoras. Não tardarão os conflictos extremos e decisivos... Porque é inutil querer estancar o curso inexoravel da historia.»

*** «O Estadinho», procurando, ha pouco, justificar o progresso de uma localidade mineira, disse que, entre outras coisas, tinha ella uma linha de tiro.

Puxa! Que progresso!

Movimento operario

Operarios, abram os olhos!

Sabemos que em quasi todas as fabricas desta Capital, foram destacados secretas, que trabalham juntamente com os operarios.

Pretende a policia, por intermedio de seus agentes, saber de tudo o que se passa com a classe operaria, para que em occasiões de gréve, possa agir á sua maneira.

Por isso, abram os olhos, operarios!

Não vos deixeis ludibriar pelos pseudos trabalhadores, introduzidos em vosso meio.

Observae bem os seus movimentos, espreitae-lhes os passos e no momento opportuno, passae-lhes o correctivo merecido.

Abram os olhos! Abram os olhos!

Liga Operaria da Moóca

A Liga Operaria da Moóca — que foi até ha pouco um dos mais fortes sustentaculos da organização proletaria de S. Paulo — está sendo agora grandemente prejudicada com a presença em seu seio de individuos extranhos á classe trabalhadora e de operarios aspirantes á burguezia dominante.

Ainda na ultima reunião daquella Liga, realizada sabbado atrazado, um desses individuos — que está fazendo parte da commissão administrativa — propoz á assembléa estupefacta que se deveria dar áquella agremiação uma nova orientação, baseada em normas politicas e religiosas. Procurou, como se vê, desviar a Liga Operaria da Moóca do caminho recto que vem percorrendo, para atiral-a ás [illegible] donde jámais sahiria.

Não obstante, porém, ter previamente preparado o terreno, levando comsigo um burguezote para ajudal-o e comprado operarios que se manifestassem de accordo com o que propunha, nada conseguiu devido á intervenção energica de alguns companheiros que souberam defender a orientação até aqui obedecida pela Liga e mostrar aos operarios que ainda não pensam por si, os perigos e a maior escravidão que lhes adviria si dessem ouvidos aos elementos politicos, burguezes e religiosos, immiscuidos em seu meio.

Não basta, todavia, a vehemencia desses poucos camaradas para que a Liga não se converta em um centro burguez, politico ou catholico. E' necessario que todos os companheiros conscientes venham para luta, visando um só objectivo — o da emancipação total dos trabalhadores.

Estejam alerta, expurgando a Liga dos miasmas pestiferos que a infectam.

— Devido ao que succedeu não se póde tratar nessa reunião da L. O. da Moóca, dos varios assumptos que deveriam ser tratados nesse dia. Sómente foi proposto, além do que já se disse, a mudança da Liga para um predio mais no centro da Moóca, que nós achamos de toda a conveniencia. Não ficou, porém, approvada essa proposta, que ficou para ser resolvida em reunião antecipadamente convocada.

—Sexta-feira passada houve mais uma reunião da Liga Operaria da Moóca, convocada quasi que á ultima hora para que os companheiros que lhe dão uma orientação segura, não comparecessem, visto que se teimava ainda em dar á Liga da Moóca um novo rumo.

Foi inutil, porém, o recurso de que lançaram mão. Os nossos dedicados camaradas que não dormem nestas occasiões, lá compareceram em massa.

Uma vez aberta a sessão e designado o presidente que devia presidil-a, foi feita de combinação com todos os da mesa, a leitura de uns estatutos que ninguem encommendou.

A assembléa laborou em erro consentindo em ouvir a leitura desse regulamento — muito apropriado ás sociedades burguezas mas felizmente soube não approval-os. mostrando desejos que o seu introductor, que estava agindo, como é sabido do accôrdo com os senhores da policia e da burguezia se excluisse da Liga.

A' vista do que, elle, que conservava ainda um pouco daquella vergonha que todos nós devemos ter, pediu a palavra e deu-se por desligado da Liga Operaria da Moóca, indo prégar em outra freguezia...

— A pedido de muitos operarios que não conheciam, até então, as «Bases do accôrdo» da Federação Operaria, ellas foram lidas, após o que narramos acima, com a autorização da assembléa que as approvou mais uma vez.

— Em seguida deviam ser discutidas diversas outras questões, que o não foram devido ao adiantado da hora.

— Não é bastante a retirada da Liga do operario que mais procurou prejudical-a, prejudicando «ipso facto» as aspirações do proletariado. E' mistér que se excluam todos os elementos perniciosos, ainda em actividade ali, pois não é sómente o sr. Bernardo que deve ser apontado aos operarios como o unico dos seus desorganizadores.

— Fechando estas noticias, resta-nos applaudir os bravos companheiros da Moóca, que não descuidaram da sua Liga e dos interesses dos trabalhadores em geral.

Ligas e reuniões

[illegible] com toda a regularidade as diversas ligas operarias de S. Paulo, notando-se em todas grande animação e interesse pela organização proletaria.

—As ligas do Belemzinho e Cambucy, reuniram-se ainda na ultima sexta-feira, tendo tratado de assumptos de relevo para a classe trabalhadora.

—Hontem houve reunião dos pedreiros e serventes. Para hoje ás 9 horas, os mesmos convocaram uma assembléa geral, que se realizará á rua Aurora, 29.

— Tambem ás 13 horas de hoje, haverá uma reunião na Liga Operaria do Braz, na qual se tratará de assumptos de grande importancia para os seus associados.

Operarios alfaiates

Do sr. Alfredo Barreto, estabelecido com alfaiataria á rua João Jacyntho, desta capital, recebemos a seguinte carta, que por lealdade jornalistica gostosamente publicamos:

«Sr. Redactor:

Tendo lido no ultimo numero d'«A Plebe» uma local, assignada pelo sr. Manuel Alves, respeitante ao insólito procedimento de alguns patrões menos escrupulosos da industria a que me dedico, — peço vénia para varrer a minha testada na qualidade de patrão desse senhor, declarando que se alguma razão de queixa elle póde alimentar não é decerto contra mim, que o tenho tolerado em minha casa a despeito mesmo de numerosos abusos de confiança que tem praticado, táes como: inculcar-se proprietario do meu estabelecimento para abrir credito em casas commerciaes, no intuito manifesto de caloteal-as, manchando a minha dignidade de homem que se presa.

Poderia ainda citar outras proezas do tal senhor Manuel Alves, indicando as respectivas testemunhas. Não o faço, porém, menos por commiseração do que para não roubar espaço ao seu conceituado jornal.

Para edificação dos que me não conheçam, direi sómente que ao sahir, elle, ha dias, expontaneamente, de minha casa, fiquei ainda prejudicado na importancia de 5:$800, facto este que bem prova não ser eu dos *taes patrões que só pagam quando bem entendem*, pois até pago adiantadamente...

E são destes catões de meia tigela que têm o desplante de vir a publico prégar moralidade!..

Creia-me sr. Redactor, amigo grato.

ALFREDO BARRETO.

S. Paulo, 3—10—919.

Em Lageado

A gréve dos operarios canteiros

O movimento reivindicador que ora agita o operariado brasileiro, repercutiu se tambem em Lageado, onde a classe dos canteiros reclamara do patronato um augmento de 1$000 no milheiro de parallelipipedos.

O industrial sr. Luiz Matheus, achando serem justas as pretensões dos seus operarios, promptamente os attendeu. Outro tanto não fez, porém, o sr. Maximo Gusmão Lopes que, esquecendo se de que ainda ha pouco era um simples operario, permittiu-se dirigir á commissão encarregada de resolver o assumpto os maiores doestos e injurias, de par com truanescas ameaças.

O Syndicato dos operarios Canteiros, em face disso, deliberou boycotal-o, não consentindo que nenhum operario trabalhe para semelhante escravocrata.

NO RIO

O fim do movimento graphico

O accôrdo feito com a firma Bernardino Gomes & Comp., terminou o movimento graphico, que teve inicio com a gréve declarada na Casa Pimenta de Mello, em 28 do mez proximo passado.

O nosso movimento deve encher de justo orgulho todos os trabalhadores do livro e do jornal, pela maneira cavalheiresca e digna como agiu toda a classe, em defeza dos seus legitimos direitos. Elle veio de[illegible] que nos graphicos existe a nitida comprehensão de que a solidariedade é uma força irresistivel, contra a qual se esborôará toda e qualquer tentativa de oppressão, seja de quem fôr, parta de onde partir.

Quando outros proventos não troxesse o nosso movimento reivindicador, bastaria o ter dado origem á união de todos os graphicos, e estabelecido o espirito de lucta de que elles tanto necessitavam. Actualmente mais de 4.000 graphicos se acolhem debaixo do alvo pavilhão da Associação Graphica do Rio de Janeiro, tornando-a uma força poderosa, indestructivel.

Espero que em breve a Associação inaugure a sua officina social, e quando chegar esse dia podeis ficar certos de que para os trabalhadores graphicos soou a hora do inicio da sua emancipação economica e o resurgimento das artes graphicas neste paiz.

Hoje, que já passaram os dias de lucta, é nos grato recordar os fructos dos nossos sacrificios e da nossa firmeza de alma. Agora, torna se necessario desenvolver o companheirismo dentro das officinas, para que estejamos preparados para futuras eventualidades e para mantermos as regalias que conquistamos.

Onofre Macario.

Por aqui se vê que o movimento graphico da Capital Federal foi coroado de pleno exito, não obstante a má vontade de alguns industriaes, que recorreram a todos os estratagemas para o fazerem fracassar.

A perseverança e tenacidade dos nossos companheiros, porém, frustaram inteiramento os machiavelicos planos desses senhores, alcançando a victoria depois de uma lucta bastante renhida.

Congratulamo-nos com tão bello resultado, fazendo votos por que a classe graphica do Rio continue intemerata a conquistar gradualmente as regalias de que ha muito está esbulhada.

«A Plebe» em Santos

está á venda na agencia de jornaes o sr. José de Paiva Magalhães, á rua Santo Antonio.

De Recife

O movimento operario desta capital

O operariado recifense, victima como os demais da exploração capitalista, tambem quiz dar o seu concurso á grande causa hoje em litigio no Brasil.

Foi a construcção civil quem deu o signal de alarme, no dia 3 do preterito, accorrendo a elle todas as classes organizadas não só daqui, mas ainda dos suburbios.

As reclamações formuladas foram, em parte, attendidas — e, se não o foram completamente, deve-se isso ao facto de alguns politiqueiros se haverem immiscuido no meio proletario, propondo se servir como intermediarios.

A victoria, pois, coube quasi que inteiramente ás organizações que orientaram a luta pelos methodos da acção directa.

Na phase mais accêsa do movimento veiu da Bahia, chefiado pelo já celebre Anizio, uma turma de trabalhadores com o fim de substituir os seus companheiros em gréve. Se bem que não chegassem a *mexer numa palha*, em virtude da solução rapida do conflicto, o facto demonstra a fallencia moral do patronato desta cidade e a falta de consciencia desses trabalhadores predispostos a trahir uma causa incontestavelmente justa.

Como *chefe* do movimento, foi apontado pela policia o humilde autor destas linhas. Valeu-nos isso alguns dias de prisão, suppondo ella que abafaria desse modo os clamores populares. Enganou-se. O povo já não dorme, nem se adormece com cantigas. Outros tempos, outros ventos...

A par da violencia de que fomos victimas, outras mais foram praticadas, avultando principalmente a da invasão da séde da associação dos estivadores, cujos camaradas foram dalli expulsos arbitrariamente pelos capangas de farda.

Baldados resultaram todos os esforços policiaes para que a gréve não se generalisasse, pois esse grandioso movimento provou dum modo iniludivel á burguezia daqui, que ao operariado já se não póde chamar com propriedade — *o rebanho de Panurgio*.

Basta agora que cada trabalhador procure manter as conquistas feitas, unindo-se cada vez mais para realizar outros objectivos em vista. *A união faz a força*. Logo, sendo todos como um homem só, a nossa causa ha triumphar mais tarde ou mais cedo.

FERREIRA MINHOCAL.

As victimas do Santo Officio paulista

O impetrante do «habeas-corpus» em favor dos deportados pela policia, o dr. Evaristo de Moraes, conseguiu apurar que o ministerio do Interior expediu portarias de expulsão contra os seguintes operarios:

Primitivo Raymundo Soares;
Julio Sorelli;
Alfredo Ovidio;
Theodoro Monicelli, director do jornal «Avanti!»;
Antonio Nalipinsky,
Antonio López;
Alexandre Zanella;
Virgilio Hidalgo Nunes;
Antonio Eduardo Candoias;
Manuel dos Santos Silva;
Manuel Martinez;
Silvio Antonelli;
Alfredo Colucci;
Miguel D'Angelo;
Eduardo Colli;
Rogerio Ramos;
João Miniero;
Emilio Feldman;
Francisco Arouca Romeno;
José Fernández,
José Sarmento Marques;
Gigi Damiani;
Zeferino Oliva;
José Ghicco.

Todas essas portarias já se acham em poder da policia paulista.

"A PLEBE" POR AHI A FÓRA

Em Poços de Caldas

Causou grande indignação nesta cidade a prisão arbitraria do nosso companheiro Angelo Vizzotto, que se collocou em defesa do seu velho pae, ameaçado de aggressão por um crapula qualquer, em sua residencia.

Parece incrivel que isso tivesse acontecido numa cidade como é Poços de Caldas, mas foi realmente o que se deu.

Um homem, em evidente estado de embriaguez, tentou, por motivos frivolos, aggredir o progenitor daquelle nosso camarada; este achando-se presente, fez o seu dever: tomou a defeza de pae e ao que consta feriu levemente o aggressor atrevido. Por isso só, foi barbaramente encarcerado, emquanto o tal ebrio permanece em liberdade, prompto novamente para insultar e aggredir a quem entender.

E isso porque elle é protegido pela politica local, que tem sido a causadora de todas as violencias, de todas as arbitrariedades que têm victimado o povo desta cidade.

Deixamos aqui o nosso protesto contra semelhante attentado á liberdade publica e saudamos o nosso, companheiro no fundo de seu calabouço.

VARIOS OPERARIOS

ULTIMA HORA

Até á hora de entrar o nosso jornal para o prelo, não haviamos ainda tido noticia do resultado do julgamento da ordem de «habeas-corpus» impetrada a favor dos operarios expulsos ou ameaçados de expulsão pelo trepoffismo paulista, marcado para hontem.